



Alma aconselhou seus filhos durante a Páscoa?

"E agora, meu filho Siblon, quisera que te lembresses de que, se puseres a tua confiança em Deus, serás libertado de tuas provações e teus dissabores e tuas aflições; e serás elevado no último dia."

Alma 38:5

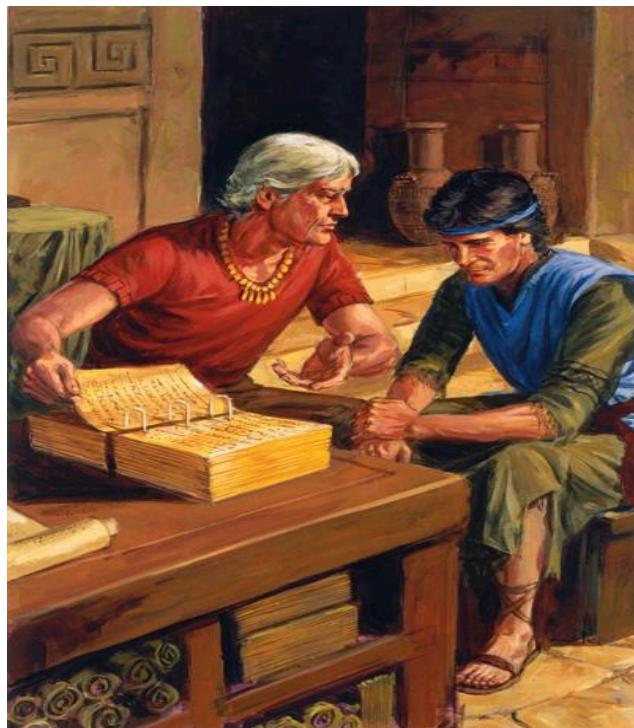
O conhecimento

Depois de seu ministério entre os zoramitas, Alma "[f]ez [...] reunir seus filhos para dar a cada um, separadamente, sua incumbência quanto às coisas que diziam respeito à retidão" (Alma 35:16). Nesta ocasião, a exortação de Alma a seus filhos pode estar

ligada a uma antiga prática judaica associada à Páscoa. Gordon C. Thomasson e John W. Welch relataram:

De acordo com tradições que datam pelo menos da época de Cristo e provavelmente antes, após reunir sua família, o pai instruiu seus filhos e respondia às suas perguntas. Suas palavras não eram fixas, mas "se encaixavam no conhecimento e entendimento da criança" e deveriam ser "para explicar a sequência de pecado, sofrimento, arrependimento e redenção".¹

Embora não se saiba quando esta prática específica começou, a festa da Páscoa sempre foi celebrada como um momento importante para reuniões familiares, comer o cordeiro pascal e lembrar os textos tradicionais associados à libertação de Israel, proporcionada por Deus, da servidão no Egito. Além disso, é importante notar que os estudiosos entendem que esta cerimônia da Páscoa foi desenvolvida ao longo do tempo a partir das primeiras tradições de sabedoria.² É possível que a exortação de Alma a seus filhos possa ter descendido tematicamente, de diversidades iniciais, destas mesmas tradições de sabedoria entrelaçadas. O que torna a ligação entre as palavras de Alma aos seus três filhos e esta tradição da Páscoa, particularmente impressionante, é que de acordo com alguns costumes judaicos, as crianças faziam perguntas e desempenhavam papéis e personagens diferentes.³



O primeiro foi um filho sábio, que citou Deuteronômio, perguntando: "Quais são os testemunhos, e estatutos e juízos que o Senhor nosso Deus vos ordenou?" (Deuteronômio 6:20). O filho mais velho de Alma, Helamã, destaca-se claramente como o filho favorito ou sábio de Alma.⁴ E é notável que, ao se dirigir a ele, Alma "menciona 'sabedoria' pelo menos oito vezes em Alma 37".⁵ O segundo foi um filho perverso, que citouÊxodo, perguntando: "Que rito é este vosso?" (Êxodo 12:26).

Este filho é descrito na literatura judaica como culpado de crimes sociais, que se excluiu da comunidade e acreditava em falsas doutrinas. Conforme a prática judaica, ele deve ser informado de uma forma que ele vai "ranger os dentes", pois ele será punido por seus próprios pecados.⁶

Obviamente, essa descrição se aplica adequadamente a Coriânton, que se debatia com transgressões morais e achava atraentes várias doutrinas falsas.⁷ Finalmente, uma terceira criança perguntaria: "Que é isso?" (Êxodo 13:14). "A tradição israelita diz que o filho desinformado que fez essa pergunta, precisa aprender a lei e receber instruções preventivas para mantê-lo bem longe de qualquer risco de violar a lei".⁸ Dessa forma, Alma advertiu informalmente Siblon⁹ sobre os problemas de orgulho, arrogância, paixões desenfreadas, ociosidade e práticas apóstatas dos zoramitas.¹⁰ Embora seja incerto se a exortação de Alma a seus filhos coincide diretamente com a observância nefita da Páscoa, o método e o conteúdo de sua instrução certamente evocam seus temas, incluindo sofrimento em cativeiro e aflição, o clamor por libertação, a aparição de um anjo poderoso e libertação das trevas e dores amargas.¹¹ O tempo também é apropriado: assim como os israelitas voltaram para casa para celebrar a Páscoa, e Alma e sua equipe missionária haviam acabado de voltar à Zaraenla, tendo completado seus esforços para trazer os zoramitas em Antiônun de volta à fé (Alma 35:14).

O porquê

A maneira como os sermões de Alma se relacionam com as antigas tradições da Páscoa judaica, fornece evidência de sua consciência e adesão às justas "tradições de seus pais" (Alma 3:11). Além disso, o

reconhecimento da natureza sagrada e ceremonial desses momentos patriarcais de testemunho, instrução e exortação, pode ajudar a explicar a notável sofisticação e elegância das formas literárias e retóricas usadas por Alma nessa ocasião.¹²



A tradição da Páscoa tinha a intenção de ajudar Israel a se lembrar da mão do Senhor ao tirá-los da opressão egípcia. Da mesma forma, as palavras de Alma para seus filhos estavam cheias de exortações para se lembrar de coisas sagradas. Por exemplo, o discurso quiasmático de Alma¹³ a Helamã começou precisamente com a mesma admoestação de "quisera que fizesses como eu fiz, lembrando-te do cativeiro de nossos pais" (Alma 36:2) e, da mesma forma, terminou reafirmando que Alma "sempre se lembrou de seu cativeiro" (v. 29). Nesse contexto, Alma até mencionou especificamente o êxodo israelita quando declarou: "[L]ouvá-lo-ei para sempre, pois tirou nossos pais do Egito" (v. 28). As palavras e os mandamentos de Alma para seus filhos eram, portanto, altamente adequados para o tempo da Páscoa. Falar em uma ocasião como essa só teria aumentado a seriedade e a importância deste momento. Semelhante aos vários relatos do êxodo entre os nefitas,¹⁴ a igreja moderna tem seus próprios paralelos com a libertação milagrosa do antigo Israel. Tais observâncias em nossos dias podem auxiliar os leitores das escrituras a apreciar e se relacionar com o impacto solene das palavras de Alma de séculos atrás. Elder Russell M. Nelson ensinou: "Ambos os grupos testemunharam muitos milagres em comum que são lembrados todos os anos. A comemoração da Páscoa está relacionada às viagens dos antigos israelitas. E, a cada mês de julho, repetimos as heroicas histórias de nossos

pioneiros".¹⁵ Como os filhos de Alma, os membros modernos da casa de Israel de todos os tipos, têm o dever de "guardar na lembrança" as mãos do Senhor em sua própria libertação divina (Alma 36:29).

Leitura Complementar

Terrence L. Szink e John W. Welch, "King Benjamin's Speech in the Context of Ancient Israelite Festivals", em King Benjamin's Speech: "That Ye May Learn Wisdom," ed. John W. Welch e Stephen D. Ricks (Provo UT: FARMS, 1998), pp. 147–224 Gordon C. Thomasson e John W. Welch, "The Sons of the Passover", em Reexploring the Book of Mormon: A Decade of New Research, (Provo UT: FARMS, 1992), pp. 196–198. Fred O. Francis, "The Baraita of the Four Sons", Journal of the American Academy of Religion 42, no. 2 (1974): pp. 280–297.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Gordon C. Thomasson e John W. Welch, "The Sons of the Passover", em Reexploring the Book of Mormon: A Decade of New Research, ed. John W. Welch (Salt Lake City e Provo UT: Deseret Book e FARMS, 1992), p. 196.

2. Fred O. Francis, "The Baraita of the Four Sons", Journal of the American Academy of Religion 42, no. 2 (1974): p. 290: "Estamos inclinados a acreditar que as três versões que chegaram até nós, entrelaçam uma infinidade de tradições de sabedoria aliadas em poucos fios. [...] Embora a possibilidade de um 'texto original' seja sempre intrigante, consideraremos todas as três versões representativas de uma ampla tradição de sabedoria — mais ampla do que elas mesmas indicam". Francis, "The Baraita of the Four Sons", pp. 280–297 fornece um breve resumo e, em seguida, uma comparação, lado a lado, dos três textos existentes que emergiram dessas tradições. Deve-se notar que a maioria das tradições da Páscoa inclui quatro crianças, mas apenas três delas fazem perguntas. Para o motivo de ter quatro filhos (em vez de dois ou três), ver Francisco, "Baraita of Four Sons", pp. 291–292.

3. Ver Martin Sicker, A Passover Seder Companion and Analytic Introduction to the Haggadah (New York: iUniverse, 2004), pp. 55–64, para uma análise interpretativa dessa cerimônia, conforme apresentada na Haggadah judaica.

4. O que quer que o próprio Alma tenha pensado sobre a dignidade ou justiça de Helamã, ele lhe disse "que Deus te confiou estas coisas que são sagradas" (Alma 37:14). Em outras palavras, não é apenas um pai escolhendo seu filho favorito, mas é um exemplo de como o Senhor escolherá aquele que sucederá ao profeta presidente. Curiosamente, embora Helamã tenha sido escolhido como o novo líder espiritual da igreja, Alma não o elogiou explicitamente por sua justiça, como fez

com Siblon. Na verdade, suas palavras a Helamã estavam estritamente cheias de exortações e advertências. Veja os seguintes exemplos: "...ouve minhas palavras" (Alma 36:1), "quisera que fizesses como eu fiz" (v. 2), "peço-te [...] que ouças as minhas palavras" (v. 3), "pois deves saber, assim como eu sei" (v. 30), "ordeno-te que tomes os registros" (Alma 37:1, "ordeno-te também que faças um registro deste povo" (v. 2), "preserves como sagradas todas estas coisas" (v. 2), "podes supor que isto seja tolice de minha parte..." (v. 6), "Oh! Lembra-te, lembra-te, Helamã, meu filho, quão estritos são os mandamentos de Deus!" (v. 13), "lembra-te agora, meu filho, que Deus te confiou estas coisas" (v. 14), "se transgredires os mandamentos de Deus, eis que estas coisas que são sagradas te serão tiradas" (v. 15), "se guardares os mandamentos [...] nenhum poder da Terra ou do inferno poderá tirá-las de ti" (v. 16), "[p]ortanto, eu te ordeno, [...] que sejas diligente no cumprimento de todas as palavras minhas" (v. 20), "ordeno-te que te lembres de todos os seus juramentos" (v. 27), "[e]sconderás, portanto, deste povo os planos secretos de seus juramentos e convênios" (v. 29), "agora, meu filho, lembra-te das palavras que te disse" (v. 32), "[p]rega-lhes arrependimento e fé" (v. 33), "[e]nsina-os a nunca se cansarem de boas obras" (v. 34), "Oh! lembra-te, meu filho, e aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua mocidade a guardar os mandamentos de Deus!" (v. 35), "roga a Deus por todo o teu sustento" (v. 36), "[a]conselha-te com o Senhor em tudo que fizeres" (v. 37), "eu desejaria que compreendesses" (v. 43), "[o]h, meu filho, não sejamos negligentes" (v. 46), "não deixes de cuidar destas coisas sagradas" (v. 47).

5. Thomasson e Welch, "Sons of Passover", p. 197.

6. Thomasson e Welch, "Sons of Passover", p. 197.

7. A exortação de Alma a Coriânton comprehende Alma 39–42. Embora Alma inicialmente o repreendesse (ver Alma 39:1–7), o objetivo final de Alma era ajudar seu filho a se arrepender e "não [se] preocup[ar] mais com essas coisas" (Alma 42:29). Ver também, Central do Livro de Mórmon, "Por que o pecado de Coriânton era tão grave? (Alma 39:5)", KnoWhy 147 (28 de junho de 2017).

8. Thomasson e Welch, "Sons of Passover", p. 197.

9. Siblon, ao contrário de Helamã, recebeu várias afirmações de sua justiça: "E agora, meu filho, confio em que terei grande alegria em ti, devido a tua constância e fidelidade a Deus; porque assim como principiaste em tua juventude a confiar no Senhor teu Deus, da mesma forma espero que continues a guardar seus mandamento [...] eu já tive grande satisfação por tua causa, devido a tua fidelidade e tua diligência e tua paciência e tua longanimidade quando com os zoramitas. Porque sei que estiveste preso; sim, sei também que foste apedrejado por causa da palavra; e suportaste todas estas coisas com paciência, porque o Senhor estava contigo; e agora sabes que o Senhor te livrou" (Alma 38:2–4). É possível que Alma quisesse tranquilizar Siblon de que sua relativa falta de responsabilidade não era um sinal de indignidade. Embora ele não tenha sido escolhido para liderar a igreja ou se encarregar dos registros sagrados, Siblon era, sem dúvida, um filho bom e honrado.

10. Ver Alma 38:11–14. Essas advertências a Siblon podem contrastar com Helamã, que apesar de ser estritamente comissionado e ordenado a cumprir seu ofício (ver nota 5), não foi tão explícita ou diretamente advertido contra o pecado.

11. Ver Thomasson e Welch, "Sons of Passover", pp. 197–198: "Muitos outros temas da Páscoa são vistos em Alma 35–42. Alma fala de 'clamar' (compare Deuteronômio 26:7; Alma 36:18) para a libertação da 'aflição' (compare Deuteronômio 26:6; Alma 36:3, 27; especialmente o 'pão de aflição' ázimo da Páscoa) e da escravidão no Egito (Alma 36:28), da 'noite das trevas' (compare Alma 41:7; Êxodo 12:30) e do fel da amargura (Alma 36:18, 21; relacionado às ervas

amargas' da Páscoa em Êxodo 12:8). O cordeiro pascal pode ser paralelo a algumas das referências de Alma a Cristo; e a dureza do coração do Faraó (ver Êxodo 11:10) pode ser paralela à referência de Alma à dureza do coração de seu povo (ver Alma 35:15). Assim como a libertação de Alma foi precedida por três dias e noites de escuridão (ver Alma 36:16), assim também foi a primeira Páscoa (ver Êxodo 10:22)".

12. Por exemplo, John W. Welch, "A Masterpiece: Alma 36", em Rediscovering the Book of Mormon: Insights You May Have Missed Before, ed. John L. Sorenson e Melvin J. Thorne (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e FARMS, 1991), pp. 114–131. Deve-se notar que Alma falou com Helamã usando uma estrutura quiástica dupla em Alma 36, enquanto deu a Siblon apenas a primeira metade de seu relato de conversão em Alma 38, talvez porque Helamã fosse o filho primogênito que tinha o direito de herdar uma porção dupla dos bens de seu pai. Para os sermões de Alma formatados em paralelos poéticos, ver Donald W. Parry, Poetic Parallelisms in the Book of Mormon: The Complete Text Reformatted (Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2007), pp. 318–336. Para uma avaliação literária do ensaio de Alma sobre sua conversão, ver Grant Hardy, Understanding the Book of Mormon: A Reader's Guide (New York, NY: Oxford University Press, 2010), pp. 137–142.

13. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que Alma foi convertido? (Alma 36:21)", KnoWhy 144 (24 de junho, 2017). Welch, "A Masterpiece", pp. 114–131; John W. Welch, "Chiasmus in the Book of Mormon", em Book of Mormon Authorship: New Light on Ancient Origins, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1982), pp. 33–52; John W. Welch, "Criteria for Identifying and Evaluating the Presence of Chiasmus", Journal of Book of Mormon Studies 4, no. 2 (1995): pp. 1–14.

14. Ver George S. Tate, "The Typology of the Exodus Pattern in the Book of Mormon", em Literature of Belief: Sacred Scripture and Religious Experience, ed. Neal E. Lambert (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1981), pp. 245–262; S. Kent Brown, "The Exodus Pattern in the Book of Mormon", em From Jerusalem to Zarahemla: Literary and Historical Studies of the Book of Mormon (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1998), pp. 75–98.

15. Russell M. Nelson, "O Êxodo na Israel Antiga e Moderna", A Liahona, abril de 2002, disponível online em: lds.org.